

## O “PALAVRÃO” EM QUESTÃO: ATÉ QUANDO SEU SENTIDO É DEPRECIATIVO?

*Egberto Guillermo Lima Vital (UEPB)*

[egberto.guillermo@gmail.com](mailto:egberto.guillermo@gmail.com)

*Tereza Neuma de Farias (Orientadora) (UEPB)*

Quem nunca exclamou uma “BUCETA!” ao topar com o pé em uma pedra? Ou nunca gritou uma “PORRA!” ao assistir a um gol do time de coração? Quem nunca ouviu a música “Cantinho” ou “Eu comi a Madonna” da Ana Carolina? Quem nunca leu o “Poema da buceta cabeluda” de Bráulio Tavares? É a partir dessas e de outras experiências, que o seguinte artigo busca apresentar o palavrão não enquanto palavra depreciativa, mas sim, enquanto expressão utilizada em dada situação lingüística, determinada pelo falante, a fim de expressar uma emoção instantânea, enriquecer um texto literário, chamar a atenção do leitor para texto publicitário, ou mesmo, servir enquanto adjetivo qualificador sem fins humilhantes. É tomando o palavrão enquanto recurso lingüístico passível de inovações, que buscamos quebrar os preconceitos sofridos por tais palavras e mostrar o quanto se pode inovar ao utilizar tais vocábulos, pois como afirma Lenny Bruce: “A proibição de uma palavra é que faz dela um instrumento de violência”.